



Aumente um Ponto

*As 10 melhores histórias
que mereceram
um ponto*

- ✓ *André Gazola*
- ✓ *Alessandro Martins*
- ✓ *Jefferson Maleski*
- ✓ *Olivia Maia*

Índice

<i>Apresentação</i> _____	3.
<i>Pra quê ser assim, Rosalva?</i> , de Jordani Cantelli _____	4.
<i>Muito mais do que amigos imaginários</i> , de André Luiz Melo _____	7.
<i>O Mistério do Grilo Negro</i> , de Christian Gurtner _____	13.
<i>Toda Galinha</i> , de Fernanda Cristina de Paula _____	16.
<i>O Papai Noel sem Botas</i> , de Ana Maria Iasinski Giongo _____	20.
<i>A ameaça atual</i> , de Hugo Silva _____	24.
<i>A aparição</i> , de Franco Chiariello _____	26.
<i>Hotel Trombose</i> , de Felipe Valério _____	32.
<i>Leão</i> , de Fábio Roberto Mariano _____	36.
<i>O Monstro do Lago</i> , de Regilene Alves Paiva _____	41.

Apresentação

Esse livro eletrônico é uma antologia com os melhores contos inscritos no *Concurso de Contos Aumente um Ponto*, do blog literário Lendo.org.

As dez melhores histórias – incluindo a vencedora *Pra quê ser assim, Rosalva?* – foram escolhidas pelos jurados [André Gazola](http://www.lendo.org) (www.lendo.org), [Alessandro Martins](http://www.alessandromartins.com) (www.alessandromartins.com), [Jefferson Maleski](http://www.jefferson.blog.br) (www.jefferson.blog.br) e [Olivia Maia](http://www.verbeat.org/blogs/forsit/) (www.verbeat.org/blogs/forsit/).

Nosso objetivo não foi revelar novos escritores, mas sim oportunizar que pessoas comuns tivessem a oportunidade de escrever e descobrir todos os mundos fascinantes que nossa imaginação é capaz de criar.

Estimular a escrita e a leitura em um país como o Brasil deve ser uma meta comum a todos os professores – ou futuros professores, no meu caso – de língua e literatura. Quem sabe assim possamos pensar no tão sonhado *país de leitores*.

Desejo que você desfrute dos contos que está prestes a ler e não exite em imprimi-los, indicá-los e repassá-los para quem desejar, de forma gratuita e prazerosa.

André Gazola, abril de 2008.

Pra quê ser assim, Rosalva?

Jordani Cantelli

Detesto essas liberdades que as visitas deliberam. Principalmente quando ouvem aquela malfadada expressão “sinta-se em casa” e a levam ao pé da letra. Vão nos quartos, mexem nas gavetas. Vão na cozinha, fuçam na geladeira. Reviram a estante e encontram o rascunho do meu futuro possível livro.

- Você está escrevendo um livro?
- Não, é meu balancete de despesas mensais. Dá aqui!
- Não é não, seu bobo... Esse seu balancete tem muitas letras pro meu gosto.
- Faço introduções longas.
- Mentiroso.
- Por favor, devolve.
- Por que todo cara de talento esconde as coisas que faz?
- Porque as pessoas tendem a fazer comparações. Sempre, aliás.
- Ai, pronto. Parece meu pai reclamando.
- Devolve, Rosalva. Ou então eu...

Rosalva é um nome que dá tesão até de pronunciar. A gente começa abrindo a boca pra fazer o “ro”, mexe todo o maxilar e a língua vai parar no céu da boca com o “zal”, e, por fim, os lábios se unem para cuspir a última sílaba, já mandando realmente tirar a roupa nesse “va”. Se isso não for erótico, ao menos serve de massagem facial. Rosalva! Se não fosse tão metida, eu e ela já teríamos, sei lá, fornicado.

- Se eu não devolver, você faz o quê?
- Faço um macarrão instantâneo enquanto isso.
- Você não sabe cozinhar outra coisa?
- Requento que é uma maravilha.

Não adianta discutir com mulher. É melhor deixá-la fazer o que quiser. O tédio e a mudança de opiniões no lado feminino vêm mais ligeiro. Passei a defender essa tese depois que meu casamento durou quatro meses.

E a Rosalva era assim: iria ler, se aborrecer e voltar a falar de qualquer outra coisa comigo. Ou então mudar de opinião e resolver fazer as temidas comparações que odeio, detesto, tenho pavor e derivados. Era tão fácil ela apenas dizer “bamo pro quarto”, “que calor”, “o que é esse auto-relevo na sua calça de veludo?”, “deixa eu segurar isso aí”, e crau.

- Você tem um estilo de alguém que conheço.
- Ihhhhh! Lá vem.
- Pera, deixa eu pensar... Ah, já sei: é o Luis Fernando Verissimo escrito.
- Já me disseram que eu era um Scliar, só que nos aspirantes.
- Hum... pensando melhor, Kafka! Você parece o Kafka!
- Concordo que já acordei estranho, mas o mais próximo disso foi uma ressaca.
- Humm... Um pouco de Guimarães Rosa nos personagens.
- Ele era um rural ortodoxo. Eu sou rural também, mas mais liberal.
- Putz, da linhagem do MST?
- MSG.
- ãhn?
- Movimento dos sem gramática.

(...)

- Rá!
- Muito engraçadinho, macaco simão.
- Sei que não sou engraçado e não faço esforço nenhum para parecer.
- Você tem uma cabeça boa.
- Ah, é?
- Boa para dar um derrame.
- Obrigado, Edgard Allan Poe fêmea.
- Tá, peraí! Peraí. Falando sério. Deixa eu analisar melhor... Bem, com os tiros, as trepadas e as mortes, eu diria que o Rubem Fonseca está bem representado.

- Não é bem assim, me preocupo com os leitores mais sensíveis. Não quero ninguém deprimido.

- Lya Luft.

- Pára! Também não é isso. Tenho meus métodos narrativos pra chegar onde eu quero.

- Ah-rá! Aquele pessoal do O Segredo!

Aquela conversa estava tomando um rumo muito chato. Bem o que eu temia. Quando chega nesse ponto do abuso gratuito, eu costumo ser grosso e arremesso a primeira enciclopédia que encontro.

Já falei, se ela fosse mais superficial e dissesse “quero que você examine uma coceirinha que tá me dando na virilha”, isso, assim e só, nossa relação seria muito mais harmônica.

Pra quê ser assim, Rosalva? Por que não é apenas uma dessas moças gostosas, de ancas largas, coxas grossas, seios fartos, lábios carnudos e vácuo no crânio? Ela é tudo isso, só que metida a intelectual. E tem hora que a gente não agüenta, mesmo.

- Vamos pra cama que eu te conto o meu “segredo”.

Passou-se vinte e poucos minutos de um rala-e-rola contagiante em que discurso nenhum tinha vez naquele espaço, a não ser alguns desabafos sem significações necessárias e de entendimento que é universal: AH, UH, OH, UH!

Extasiado e de cabeça vazia, virei pro lado.

- Vai, conta esse teu segredo.

“Que perseguição!”, pensei gritando. Só me relaciono com mulheres que lêem resumos de vestibulares e respondem a questionários da Capricho.

- Eu não tenho estilo nenhum!

Ah! Eu sabia: é o Millôr.

Fuck!

Muito mais do que amigos imaginários

André Luiz Melo

- Pão? Comprar pão de novo?
- Pois é, ao que parece...
- Xiii... será que tá parecendo é o que está parecendo?
- Sim, deve ser coisa da associação...

Levou um tempo para que eu começasse a perceber que estavam falando. No início era só uma espécie de zunido, um chiado. Notava que tinham umas pessoas falando qualquer coisa, mas tudo muito baixo, como se fosse um rádio mal sintonizado. No começo estranhei, mas depois me acostumei e aos poucos fui até entendendo. As conversas, antes estranhas e distantes, passaram a fazer sentido e até algumas vezes podia acompanhá-las. Isso não significa que entendo sempre o que estão dizendo, há assuntos também que realmente não me interessam.

Atravessei a rua a passos largos, com medo da chuva que se aproximava. Provavelmente não choveria hoje, nem amanhã, mas precisava de algo para justificar minha pressa.

- Dessa vez não esquece o troco.
- Lembra aí, o troco.
- Não esquece, viu!?

Algumas pessoas os chamam de amigos imaginários. Amigos imaginários, igual nome de super-heróis, um pouco exagerado, é verdade. Para essas pessoas, eles seriam como seres do bem, nascidos às benfeitorias e caridade. Como as freiras, só que do mundo da imaginação.

- Bom dia – cumprimentou a dona do estabelecimento.
- Bom dia – retribui me dirigindo ao balcão.

Esses tais amigos imaginários existiriam somente na fantasia, como os gnomos, os anões e as mulas-sem-cabeça. Anões não, que esses são de verdade, mas todas as outras criaturas inverídicas habitariam nesse mundinho particular. Gnomos, mulas-sem-cabeça e amigos imaginários, vivendo em paz e harmonia. Seria muito bonito, muito poético, mas eu pessoalmente não acredito nisso. Definitivamente não.

- E o senhor? – se dirigiu a moça da panificadora.
- Cinco pães.

Amigo imaginário não me parece a maneira mais correta de defini-los. Pode dar uma falsa impressão, uma espécie de propaganda enganosa. Só diria isso se quisesse agradá-los, fazer média. Puxar o saco mesmo, como se diz no popular. Poderia até tentar, mas nessa altura dos acontecimentos esse tipo de coisa não colaria mais.

- Aqui está – disse a moça me entregando o pacote de pães. □ Mais alguma coisa, senhor?

- Por... por enquanto não – finalizei incomodado.

Sempre fico incomodado quando sou chamado de senhor. Desconfortável mesmo. Pior do que isso é ser chamado de senhor por alguém mais jovem. Uma jovem, melhor dizendo. Ser chamado de senhor por uma moça é o mesmo que ganhar uma senha na fila do INSS.

- Oi... me diga uma coisa – puxei assunto novamente.

- Pois não – ela me iluminou com seus olhos negros.

- Você teria... – caçava algo na cabeça para dizer. □ ...um doce! Você teria um doce, tipo uma bomba de chocolate?

- Temos sim, senhor.

Droga, ela disse de novo.

- Senhor, tem a bomba de chocolate branco e a de chocolate preto. Qual o senhor vai querer?

- É... por favor, não me chame de senho... – tentei corrigir. □ ... pode ser a de chocolate preto – desisti.

Ser chamado de “senhor” não estimula ninguém ao galanteio e no final das contas a gula falou mais alto.

- Nada disso, nem olhe para mim! – o amigo guloso se esquivou.

Apesar da tentativa desastrada, alcancei um pouco meu objetivo. Essa era apenas uma maneira de prolongar a conversa no balcão, colocando fermento no papo com a mocinha da panificadora. Logo eu que nem sou lá tão vidrado em pães e doces.

- Obrigado e volte sempre – despediu-se docemente.

Docemente. Nada mais apropriado para a moça da panificadora. Se ela me chamasse menos de “senhor” e dissesse mais “volte sempre” eu estaria correndo um sério risco de me tornar um freguês assíduo do estabelecimento. Isso sim seria uma bomba...

- Esse cara é muito bobo, não?

- Completamente... – disse balançando negativamente a cabeça.

Mas voltando ao tópico anterior, muitos falam em amigos imaginários. Eu, particularmente, não sou um adepto dessa definição. O grande equívoco de dizer isso, ao meu ver, não estaria no fato de chamá-los de “imaginários”, pois é onde melhor podemos encaixá-los...

- Imaginário é a vovozinha!

- Sou tão imaginário quanto você, babaca! – completou o outro.

Ao meu entender, o grande engano está em chamá-los de “amigos”. Amigos imaginários, falando assim as pessoas já têm uma imagem errada. Chamando-os de amigos, estaria fazendo uma simplificação errada, já que eles não podem ser considerados os melhores amigos do homem.

- Estava querendo o quê? – interrompeu. – A gente não é cachorro para ser melhor amigo!

- Isso daí eu também dispenso.

- Calma aí, pessoal – veio o terceiro pondo panos quentes. – Também não vamos ficar pegando no pé dele...

- Cai fora, apaziguador, ninguém tá precisando de você aqui!

Algumas vezes a relação é bem próxima da amizade e companheirismo, isso ocorre sim. Porém, em alguns momentos até a simples tolerância é uma questão de desafio. Mesmo assim, com o tempo se aprende a lidar com essas coisas...

Atravessei a rua com os pães, a bomba e a cabeça distante. O negócio na panificadora está parecendo promissor, referindo-me à mocinha do balcão. Só não sabia qual delas deveria ter escolhido, isto é, a preto ou a branca. Falando agora da bomba...

- Bom dia, dona Geni – disse educadamente de supetão.

A dona Geni é uma vizinha que já aprontou algumas pra mim há tempos atrás.

- Como vão as coisas? – continuei.

Mesmo assim faço questão de cumprimentá-la calorosamente sempre que a encontro.

- Bom dia – a senhora retribuiu sorrindo. - Como vão as coisas, Horácio?

- Bem, obrigado, tirando esse tempo, que não pára de esquentar... – me despeço jogando o universal comentário climático.

Mesmo não tendo motivos para agradá-la, mantenho o ritual costumeiro de encaixar uma frasezinha polida, uma consideraçãozinha estratégica, além de uns sorrisos rápidos e baratos. Nada muito complicado, mas atitudes simples e sempre úteis. Nesse quesito eu alcanço um relativo sucesso, mas seria injusto dizer que atuo sozinho

nessa tarefa. Na verdade conto com o auxílio de um desses que me acompanham. O auxílio social é todo realizado por esse amigo imaginário em questão.

- Claro que não – interferiu com modéstia. – Gentileza sua, meu caro...

É verdade, a calma e sensatez que ele me passa é uma das grandes responsáveis pelo meu bom desempenho em relações sociais.

- Digamos que nós dois juntos fazemos um bom trabalho...

Pura modéstia. Na realidade esses simples gestos com o próximo são uma garantia de tranquilidade nas relações sociais. Ainda mais em cidade pequena como a que vivo, onde ter uma aparência digna é mais importante do que um comportamento adequado. Mas isso é bom para lembrar que a vida coletiva ainda tem lugar para vitrines bem enfeitadas.

- Pura fachada – interrompeu nervoso. – É isso que prevalece, um jogo de aparências, a ditadura da hipocrisia!

Além disso, uma atitude dessas, de boa vizinhança, pode me poupar de todo tipo de complicações. Funciona como um caminho curto para a solução de problemas inesperados, sendo assim, fica um pacote barato.

- Falsidade, fala a verdade... Ser falso tem lá suas vantagens, não é? – disse ironicamente.

Obviamente isso não é uma unanimidade entre nós, eu e os amigos imaginários. Opiniões discordantes são encontradas em todo lugar e aqui não seria diferente. Apesar das divergências que surgem, essa grande variedade de pontos de vista é o que enriquece o pensamento meu, do Horácio e das outras pessoas. Como um grande parlamento com as mais diferentes opiniões decidindo os pensamentos de cada um.

- Vamos voltar para a panificadora!

- Está brincando?

- Conferiu o troco?

- Vá pro inferno! – desabafou vermelho de raiva.

É claro, que assim como nas democracias, os conflitos são inevitáveis. Falando nisso, da mesma forma que alguns dos amigos são responsáveis pelo comportamento educado e social do Horácio, outros são encarregados das atitudes mais extremas, de raiva e fúria. Para esses aí, a palavra “amigo” não se aplica da mesma forma com que conhecemos.

- Está querendo dizer o quê? – retrucou brabo. – Que virei inimigo agora?

Falar em amigo, nesse caso, não daria a dimensão exata de como é o convívio com esse aí. Na maioria das vezes suas reações são nervosas e impulsivas, discordantes da forma equilibrada que Horácio tenta manter. Por outro lado, também são espontâneas e sinceras, condizentes com aquilo que realmente está sentindo. Mesmo assim, na maioria das vezes nos vemos obrigados a silenciá-lo por uma questão de educação e convívio social...

- Me censurando, não é? É por isso que o Horácio é um babaca! Entendeu? Um bunda mole!

Muito embora pareça injusto e discriminatório, essa atitude se tornou corriqueira desde o dia que o homem aceitou viver em sociedade, ter casa, emprego, dividir elevador e participar do amigo secreto da empresa.

- Uau, obrigado, chefe – Horácio disse abrindo o pacote do último amigo secreto. – É uma... uma lata?

- Óleo de peroba, Horácio, bastante útil para você. Pra passar nessa sua... cara – disse pouco antes de cair na gargalhada levando consigo todos da empresa.

- Essa foi boa, chefe. “Óleo de peroba”... – Horácio disse enquanto o amigo imaginário raivoso era contido por 14 outros.

Essas obrigações da vida profissional nos demandam paciência, jogo de cintura e principalmente estômago. Aliás, falando nisso, quem diabos foi o responsável pela compra dessa bomba de chocolate? Aposto que ele comprou isso apenas por pura gula, certo?

- Pode parar, pode parar... – apareceu o amigo imaginário guloso tirando satisfação. - Olha aqui, eu já disse que não tenho nada a ver com isso!

Como assim não tem nada com isso? É culpa sua essa história de ficar comprando coisas na panificadora!

- Mas o pior cego é o que não quer ver, não é verdade? Você não percebe que quem está fazendo tudo isso não sou eu, mas o pessoal da associação?

Associação?

- Claro! Você não se toca mesmo, né? Todo mundo já percebeu que o pessoal da associação está bagunçando completamente a vida do Horácio. Presta atenção e abra o olho! Até eu que só me encarrego da ingestão excessiva de alimentos estou percebendo isso há um tempão. Se liga! – terminou a frase estalando os dedos.

Depois dessa, não sobrou outra opção além de conferir com meus próprios olhos. Imediatamente me dirigi até a entrada da associação para saber a real situação. Toquei a campainha para anunciar minha chegada, mas ninguém apareceu. Como a porta estava apenas encostada, empurrei para entrar no recinto. Imediatamente me assustei com uma música altíssima ressoando pelo escritório, isso sem falar na fumaça provavelmente produzida por algum incenso barato. Lá dentro, papéis por toda parte, gráficos grudados na parede e sujeira de toda espécie. Quando finalmente encontrei os responsáveis, não consegui estabelecer comunicação, todos parecem entretidos demais ouvindo e cantando o refrão de uma música de gosto duvidoso. Pegando a capa do disco de vinil, vejo escrito em letras garrafais o nome “Odair José” e finalmente entendi o que estava se passando. Sai de lá nervoso, cuspiendo marimbondo, batendo a porta para tentar parar a algazarra. Lá dentro ninguém pareceu notar, só a placa presa a porta que balançou e quase caiu. “Associação Mantenedora de Otimização Reprodutiva - AMOR”.

- Aqui está, senhor – disse a moça da panificadora ao sujeito do meu lado. Com os braços esticados, o senhor recebeu os pães e encerrou a negociação. Respirei fundo, agora era a minha vez. Ela ainda ajeitou a franja uma vez antes que os imensos olhos negros apontassem para os meus como verdadeiros canhões de luz. Quase em transe, assisti suas sobranceiras se dobrando lentamente para mim.

- Oi? É... você... você de novo? – estranhou me vendo novamente.

O quê? Como foi que ela disse? Ela está me chamando de...

- Você? – sorri bobamente. – Digo... preciso de mais... pão.

O Mistério do Grilo Negro

Christian Gurtner

Arthur abriu a porta de sua casa e entrou com a mesma expressão indiferente que sempre entra em sua casa depois de um dia de trabalho. Pensou ter ouvido algum barulho lá dentro e acendeu a luz . Ao dar um passo mais adentro, viu uma cena impressionante: Havia um gafanhoto morto no chão.

Ficou alguns instantes parado, olhando para o corpo do inseto, sem reação alguma. “Como isso pôde acontecer logo em minha casa?”. Juntou forças e finalmente se moveu, foi até à sala e buscou uma lupa. Agachou-se próximo ao gafanhoto e começou a analisar os detalhes. O inseto estava de barriga para cima, as patas abertas e sem nenhum sinal de ferimento. “Foi morte natural” – pensou Arthur se sentindo muito aliviado. Esboçou até um sorriso para deixar a tensão sair de seu corpo.

O sorriso de Arthur logo desapareceu. Ao dar uma última olhada no corpo do pequeno gafanhoto de cor negra, viu algo que antes não tinha percebido: um furo, uma pequena porém letal perfuração próxima à cabeça do inseto. “Estou perdido” – pensou. Algo, que não as forças cíclicas da natureza, havia tirado a vida daquele inseto que agora jazia na sala de Arthur. Ele tentou controlar o desespero que nascia em sua mente. Precisava achar uma saída para aquela situação. Estaria claro, para uma pessoa que não tivesse presenciado todo o acontecimento, que fora Arthur que matara o gafanhoto. Era muito incriminador. Ele não podia deixar ninguém ver aquilo. Ninguém acreditaria em sua versão da história.

Arthur começou a andar de um lado para o outro. Não sabia o que fazer. “Antes de mais nada, preciso ter certeza. Preciso de um especialista”. Arthur pegou o telefone. Ele só conhecia uma pessoa em que ele poderia confiar: Seu irmão, Franz.

Não se passaram trinta minutos quando a campainha tocou. Franz, saíra de seu trabalho no instituto botânico e viera rapidamente após o chamado “urgente” de Arthur.

-Olá, Arthur. – Disse após ver o irmão abrir a porta.

Arthur puxou o irmão para dentro da casa e antes de fechar a porta olhou ao redor para se certificar de que não havia ninguém mais do lado de fora.

-Antes de mais nada – disse Arthur – eu preciso que você me prometa que não contará a ninguém nada do que vir aqui ou fizer aqui.

-Tudo bem. Mas o que aconteceu?

Arthur mostrou ao irmão o gafanhoto no chão. Franz se agachou e olhou com mais cuidado o corpo do inseto e novamente se levantou.

-E então? – perguntou Arthur

-Não é um gafanhoto. É um grilo.

-Um grilo?

-Sim. Mas me parece estranho um grilo dessa espécie por aqui. Nunca vi antes.

Arthur se deixou cair numa cadeira. Estava péssimo. Aquilo piorava tudo. Um grilo fora trazido de algum lugar longínquo para sua casa, onde fora morto.

-O que o matou? – perguntou Arthur

-Não sei. Que diferença faz? Já está morto. Não há o que fazer.

-Você não entende? – disse Arthur levantando-se mais nervoso – Ele não morreu naturalmente. Fora morto em minha casa e não há mais ninguém aqui. Então trate de olhar novamente e me dizer como ele morreu.

Franz se agachou balançando a cabeça e, usando a lupa de Arthur, analisou o grilo com mais cuidado.

-Há uma perfuração próxima a cabeça. Eu poderia dizer com quase certeza de que se trata de uma mordida. Talvez de um gato ou de um cachorro bem pequeno.

Como quem tem uma idéia súbita, Arthur parou um pouco e em seguida se voltou eufórico para seu irmão.

-Obrigado, Franz, pode ir agora!

-Mas é só isso? – perguntou Franz enquanto era quase empurrado da casa por seu irmão.

-Sim, sim. Só isso. Obrigado por vir e até mais.

Após fechar a porta, Arthur correu até seu quarto e buscou um binóculo, posicionou-se na janela e começou a vasculhar visualmente a casa do vizinho. “Lá está ele” pensou Arthur quando conseguiu, em meio à escuridão, achar o gato do vizinho. “O maldito entrou novamente em minha casa. Mas dessa vez ele foi longe demais.”

Arthur cobriu a mão com uma luva de látex, pegou cuidadosamente o grilo morto e saiu de sua casa em meio à escuridão. Silenciosamente foi até a sacada do vizinho, onde o gato se lambia numa pose arrogante. O gato, ao perceber a presença de Arthur, parou de se banhar e olhou atentamente para o intruso, que também parou e agora encarava o gato. “Olha o que eu tenho para você, gatinho”. Arthur jogou o corpo do grilo próximo ao gato, que primeiramente assustou-se com o gesto brusco, mas em seguida analisou o que lhe fora entregue. Após duas leves patadas, o gato ficou observando o inseto,

esperando ele se mover, até que decidiu por abocanhá-lo e em seguida levar para dentro da casa de seu dono.

Com um sorriso malicioso, Arthur voltou para sua casa. Limpou com álcool o local onde antes estava o corpo do grilo, queimou as luvas de látex e sentou-se em seu divã. Estava agora aliviado e menos tenso. “A morte do grilo é agora problema do vizinho”.

Toda galinha

Fernanda Cristina de Paula

Muitas vezes chamavam-na galinha. Ela acordou com o despertador apitando estrondosamente e levantou-se com vagar da cama; eram cinco horas da tarde. Não se comoveu, não duelou.

Depois de um banho leve, passeou com lentidão pelo apartamento pequeno e atulhado, nua em sua calma. Retirou a *lingerie* do varal, pôs uma música melancólica no rádio da sala e sentou-se, molemente, em frente à penteadeira do quarto. Observou pelo espelho, sem crítica e sem amor, seus seios enormes e pendurados. Não queria, não se debatia nada, não se debatia tudo.

Acomodou melhor a bunda nua na cadeira. Movimentos lentos transmutaram seu rosto, escureceram fortemente o contorno dos olhos, esverdearam (um verde escuro, escuro) as pálpebras, cobriram o rosto de pó e *blush* e tingiram a boca de um vermelho profundo de vulgaridade – e também de morte, que ela não via; e se ela imaginava, ignorava sem ostentação.

Trabalhou: engoliu porras. riu das outras. o cu ardeu. cuspiu chicletes. vomitou xingos. retocou maquiagens. fingiu sorrisos. fabricou bucetas. bebeu águas. despencou carinhos. estapeou vadias. vadiou-se. passou *batons*. enfraqueceu famílias. esfregou carros. gritou (no chão) a janta. foi fodida por mulheres. esmigalhou baratas. chutou bichas. odiou. esfolou vida no chão. sangrou asfalto. morreu. tragou nada. baforou gargalhadas. recebeu dinheiros. cuspiu escárnios. sentou em picas. tomou cervejas. correu.

Assim que chegou ao apartamento, não dormiu imediatamente. Com cuidado (lentamente), retirou a roupa desconfortável e andou pela casa, nua (em sua calma). Pôs uma música animada para tocar. Sentou-se na penteadeira e, vagorosamente, (quase sugerindo amor por aquele rosto) foi retirando a maquiagem. Não sorria, não chorava. Fuga não figurava dentre a sua mornidade. Sonhos, cansara-os de escarrar no próprio espelho – agora era uma galinha, mas não se sabia galinha. Era lânguida em sua ignorância – de si mesma. Só lhe faltava penas de verdade e um bico mais afiado e amarelo, no entanto, os olhos eram de galinha, olhos redondos, piscando para todos os lados, castanhos e redondos sem querer compreender o mundo, só piscando, piscando, enquanto a cabeça se move ininterruptamente, atrás de milho e de água, só.

Leu gibi enquanto fazia cocô. Tomou um banho demorado, lavou os cabelos baços e loiros, cantou no chuveiro. Andou nua, toda calma, toda galinha, pelo apartamento.

Era uma galinha, se de sua garganta escapasse um cócórico, não seria estranho. Galinha, pois, não debatia, não duelava – discurso de futuro não lhe fazia sentido. A idéia de fuga coisa de pintinho sorridente e imaturo. Não se debatia nada, não se mastigava tudo. Não queria e não desqueria. Quando apalpavam-na, ela mesma não se sabia gorda ou magra. Era galinha de domingo, era calma. Galinha de domingo cata milho e não sabe que está sendo preparada para o almoço; não sabe o que é futuro. Não se sabia nem galinha, não se sabia domingo. Lia revista, pintava a boca de vermelho vida, o mesmo vermelho morte. Mas não se debatia, não via no espelho os olhos castanhos e redondos de galinha. Dormia calmamente, dormia galinha, vivia galinha, toda galinha.

Mais uma vez, acordou com o despertador tocando, às cinco da tarde. Maquiou-se com vagar, música lenta na sala, *lingerie* velha e de renda preta ali, jogada na cama. Calma de galinha, penas (falsas) pretas de renda de galinha, foi trabalhar.

Trabalhou: abriu-se pica. riu asfalto. gritou baratas. chorou risos. matou bucetas. bebeu dentaduras. transou carros. engoliu dinheiros. lambeu cigarros. estapeou cervejas. cheirou bichas. meteu mortes. penteou *batons*. riu. lavou porras. cagou vadias. mijou famílias. morreu. não sentiu dor. pagou sua putice. sentou em paus e barrigas.

Novamente, às primeiras horas do dia voltou. Voltou devagar para o apartamento, andou lânguida em sua calma de galinha. Olhou para o calendário e: assustou-se!

Correu farmácia. matou manhã. fez xixi em copinho. chorou. foi genuína. desesperou-se. chorou. chorou. descabelou-se. viu seus olhos castanhos no espelho. rosto borrado. chorou. desenfreio. fremiu horrores: gravidíssima, gravidíssima.

Olhou para seus olhos castanhos, através do espelho, e não viu galinha. Foi engolfada e linchada pela idéia de futuro. Quebrou-se ao meio ali, no apartamento entulhado. Dobrou-se agarrando o ventre com força, ajoelhou no chão, da garganta escapava (involuntariamente) ganidos desarticulados de desespero. Sentiu a vertigem de um certo medo, vertigem talvez de necessidade de proteger aquele útero que inchava. Chorou desenfreada, atordoada com a ausência da calma galinácea – de toda galinha.

Sentia as entranhas torcidas e às vezes inspirava fundo – em dúvida se havia se esquecido de respirar. Chorou pelo filho. Imaginou seus olhos castanhos no rosto de uma criança, sua criança. Mas os cabelos seriam de quem? E a boca e o lóbulo da orelha, de quem? Era júnior de quem, aquele seu útero que inchava, inchava e, assim, inchado, lhe inspirava medo? Desenfreado-se.

Debateu-se toda pelo apartamento, cuspiu toda a galinha. Abrupto soube-se galinha, toda galinha e odiou isso. Trouxe todo o apartamento abaixo, quebrou móveis, odiando os domingos, odiando todas as porras, as femininas e as masculinas. Destuiu o apartamento e distribuiu suas entranhas pelo móveis que quebrava junto ao chão. Desesperada – relembrando, saudosa, quando era (momentos atrás) toda galinha e, com suas penas (falsas pretas rendas) e com seu bico (vermelho sangue vida *baton* de morte) a idéia de futuro era coisa de pintinho imaturo.

Passou-se dois meses sem que se putasse. tentando amigos. chorando frustrações. fazendo currículos. fugindo cafetão. batendo às portas. ligando mãe. comprando largos vestidos. comprando roupinhas (com laçarotes, babados) de bebê. tentou, tentou de verdade.

Acordou em um sábado de manhã. Passeou dignamente pela rua, pelo parque, lânguida (não por ser toda galinha, mas por matar a galinha assim que se sentiu ovo, toda ovo). Ia ser mãe e caminhava devagar pela rua, exibindo o útero inchado – usufruindo da dignidade e do sabor de futuro que a barriga lhe trazia. Era quase ridícula, ao exibir silenciosamente, a barriga pouco crescida. Tinha de usufruir, furiosamente, disso. Último passeio.

Entrou na farmácia, pagou (escusamente) o remédio, com o dinheiro emprestado pela a colega – pois não tinha dinheiro nem para o aluguel, não tinha dinheiro nem para a comida do mês. Voltou para a casa, caminhando digníssima, orgulhosa do júnior desconhecido que carregava no útero. Entrou no edifício vagarosamente, para não chamar a atenção da cobradora do aluguel (azedo em sua perseguição pelo dinheiro) que morava no andar de baixo.

Ela entrou no apartamento com sinais de cansaço. Sentou no sofá velho e pôs-se a passear uma das mãos distraidamente pelo estofado. Com a boca inexpressiva e o olhar vagando pelo nada, tentou (com sofreguidão muda) se lembrar do gosto de

domingo, do gosto de calma de galinha de domingo. Não queria mais ser bicho ignorante de idéia de futuro, não queria.

Era final da tarde. Vestiu o pijama, retirou vagarosamente a maquiagem leve (maquiagem de mãe) do rosto. Sentou-se na cama e, como indicado (escusamente) pelo farmacêutico, tomou dois comprimidos; pousou o copo de água na cômoda e inseriu mais dois comprimidos (o mais fundo que pode) dentro da vagina.

Com lentidão, abriu a primeira gaveta da cômoda e pegou a tesoura afiada. Ao seu lado, sobre a cama, estavam mimosamente dobrados seus vestidos de gestante e o enxoval mal começado do bebê. Com falso estoicismo, pôs-se a picotar todos estes suaves tecidos, sistemática e vagarosamente. E assim esperou, silenciosamente, a dor (no útero).

O Papai Noel sem botas

Ana Maria Iasinski Giongo

“Noite feliz! Noite feliz! Oh Senhor...”

A missa estava chegando ao fim, o coral entoava o último canto da missa e as últimas pessoas se retiravam do recinto religioso.

- Vamos Carlinhos – falei pro meu filho, que a tudo assistia com os olhinhos brilhantes e curiosos.

- Vamos ver o presépio - disse Cláudio, meu esposo, que carregava o pequeno Mateus no colo.

Estava tudo tão lindo. Admirávamos o pinheirinho de natal, que quase chegava a dois metros de altura, todo enfeitado, era enorme, a luzes piscantes, os adornos luminosos, as estátuas do presépio, todas lindas e decoradas com gosto.

- Onde está o menino Jesus? – perguntei. Estava escondido dentro do estábulo, cheio de palhas e de animais. Tudo aquilo representava a pobreza do menino Deus quando nasceu? Perguntei-me...

Sáímos para a noite iluminada, caminhávamos lentamente, porque Carlinhos com apenas quatro anos, não podia acompanhar nossos passos. Sentíamos o cheiro das comidas sendo preparadas nas casas, o cheiro da carne assada, os chocolates.... Vislumbrávamos que todos estavam felizes e falantes. Às vezes ouvia-se um estrondo e o céu se iluminava com os fogos de artifício. Algumas casas muito enfeitadas de luzinhas estava apinhadas de gente comendo e bebendo, comemorando, alheios ao que se passava à sua volta. Nossas famílias, a de Cláudio e eu, residiam muito longe e era normal passarmos as festas de fim de ano sozinhos. O pouco que Cláudio recebia trabalhando na fábrica, não dava para pagarmos as passagens.

- Tô com fome – choramingou Carlinhos.

Deve ser o cheiro de churrasco, pensei. Meu estômago também roncava.

- Já vamos chegar – dissera Cláudio.

Coloquei a única panela de sopa que sobrou do almoço, para esquentar.

- Cláudio, venha comer – falei servindo a sopa nos pratos.

Carlinhos sentado, com a colher na mão, olhava a sopa rala e parecia que a fome não era tanta. Mesmo assim, colocava as colheradas na boca, sem muita vontade.

De repente ouvimos o tilintar do sino do Papai Noel que passava em nossa rua. Carlinhos deu um grito e saiu correndo, abriu a porta e ficou esperando. O Papai Noel estava entrando na casa do vizinho, e de lá saiu horas depois para desaparecer na próxima esquina. Carlinhos ficou o tempo todo sentado no sofá olhando para a porta, esperando o bom velhinho chegar... Horas se passaram e nada... cada pouco o menino voltava o olhar na direção da rua, aguçando os ouvidos. E nada...

Já era tarde e ele lá. Nem se mexia.

- Vamos dormir? - falei me aproximando dele.

Ele balançou veementemente a cabeça em sinal negativo.

- Cláudio, acho que o Carlinhos está com febre. Me traz o termômetro – falei.

Coloquei o termômetro embaixo do braçinho magro. A testa queimava.

- Trinta e nove graus, vou fazer compressas. Mas acho que vamos ter que levar pro médico...

– Vou procurar alguém pra te levar, depois eu fico com o Mateus... – dissera Cláudio dirigindo-se para a porta.

Algum tempo depois chegou um colega de Cláudio, dirigindo um Chevette. Apesar de estar festejando com os amigos, atendeu prontamente, e me conduziu até o Plantão Médico.

A sala estava apinhada, algumas mães com crianças, outros acidentados, uma senhora idosa que gemia. Mesmo na noite de natal aquele lugar não dava trégua. Me aproximei do balcão e falei pra moça de branco, que atendia do outro lado.

- Meu filho está queimando de febre.

- Vai ter que esperar, mãe. Tem outras pessoas que chegaram primeiro. Enquanto isso, vamos ter que preencher uma ficha... A senhora já consultou aqui? – olhou-me a enfermeira de esquelha.

Depois de responder as perguntas, sentei-me num banco estreito e abracei meu filho. Ele estava muito quente e... triste. A revolta, a raiva e a indignação tomou conta de mim. Tive vontade de chorar e segurei um soluço, quando lembrei da maneira pela qual perdi meu emprego. Quem sabe, se eu ainda estivesse trabalhando, poderia comprar o carrinho de controle, o sonho de Carlinhos. Mas só de lembrar ficava enojada, fui demitida injustamente, porque não aceitara deitar-me com meu chefe. Tudo foi muito trágico para mim e agora por causa dele, não conseguia outro trabalho. O pouco que Cláudio ganhava na empresa, mal dava para o sustento da casa.

Passou-se algumas horas e eu já estava desesperada, quando o médico nos chamou:

- Carlinhos – a voz do médico soou pela vão da porta.

Entramos e ele examinou meu pequeno que se agarrava em mim. Olhou a garganta, os ouvidos, o pulmão e ouviu as batidas do coração. Depois diagnosticou:

- Ele aparentemente não tem nada. Mas vamos deixá-lo em observação – disse o médico - Vamos medicá-lo, e fazer uns exames. Como essa febre começou, mãe? – perguntou aquele homem alto, de branco, demonstrando preocupação. Contei-lhe a história do Papai Noel que não veio. O médico não dissera nada, apenas ficou pensativo.

Passei a noite sentada na cadeira, ao lado da cama. Olhei o relógio, passava das cinco horas da manhã. Uma enfermeira simpática, cada pouco entrava e examinava a temperatura.

- Apesar dos remédios a febre não quer ceder – falou ela – Vou avisar o médico.

Levantei-me e fui até a janela. As ruas estavam desertas. O amanhecer estava silencioso. As pessoas já deviam estar fartas e cansadas da festa da noite anterior. Meus olhos ardiam de sono, não tinha conseguido dormir. Olhei para meu pequeno que se remexia, na cama, desassossegado.

- Diz pra mãe, onde dói? – perguntei com os olhos marejados...

Ele levantou os olhos lacrimejantes e tristes e com a mãozinha, sem soro, apontou no peito.

Naquele momento ouvi batidas na porta. É a enfermeira de novo, pensei. Novamente batidas, mais fortes. Aproximei-me e abri. Meu coração deu um salto. Tamanho foi o susto. Lá estava ele! O Papai Noel... Mas não pode ser. É engano... Então vi que em seus pés não haviam botas, era o sapato branco que vi nos pés do médico na noite anterior:

- Mamãe! – gritou Carlinhos pondo-se de pé na cama, ao vê-lo, quase arrancando o soro do braço...

- Cuidado! – falei.

O “bom velhinho” aproximou-se da cama e abraçou meu filho. Falou com ele e pediu pra ficar bom. Trazia um presente. Pediu desculpas dizendo que não lembrava mais do endereço e tinha se perdido, mas mesmo assim, conseguiu encontrá-lo naquele hospital. E pela primeira vez, depois da missa na véspera de natal, que vi Carlinhos sorrir de felicidade, estava radiante. Quando desembalhou o presente, seus olhos

brilhavam de comoção, era um lindo carrinho de controle remoto! Abraçou mais uma vez o Papai Noel:

- Obrigado... – dissera. E olhando pra mim, sem desejar soltá-lo – ele veio, mãe! Ele veio!!!

Vi que por detrás da máscara de Papai Noel, desciam lágrimas. A enfermeira parada na porta sorriu-me complacente, sabíamos que por detrás daquela roupa vermelha de Papai Noel, havia um “anjo”, alto, vestido de branco. Anjo esse, que sabia, que a dor da alma nem sempre se cura com remédios, muitas vezes, o remédio está num abraço, na atenção, na compreensão, no sentimento de solidariedade, “coisas” essas que não se compram e nem se vendem... mas que é o mais raro dos presentes.

Ao meio-dia, daquele natal, Carlinhos almoçava, já em sua casa, tranquilamente, abraçado ao seu presente. Não tinha mais vestígios de febre.

A ameaça atual

Hugo Silva

A porta se abriu como em uma corrida de cachorros, ela estava dormindo e acordou ao ouvir o tal barulho pondo-se a correr desesperada sem lembrar de seus limites físicos. Não lhe vinha à memória nada que antecederesse a porta se abrindo, só se lembrava do grito que funcionou como o tiro de partida da frenética corrida que começava: - Corre senão ele te pega. Enquanto corria pelos corredores da casa lembrou que era a dona da mesma. Uma grande casa com muitos corredores e portas que naquele instante apresentavam-se como diversas opções de fugas ou esconderijos. No final do corredor deparou-se com uma longa escada. Desceu-a como que se devorando os degraus de tamanha fome por um lugar seguro. Sem olhar para trás podia ouvir o barulho do apressado perseguidor, à medida que atravessava as portas intermináveis e as fechava após si, continuava a ouvir o barulho perturbador do elemento que parecia atravessar as portas como um fantasma. Tentava gritar, mas não lhe vinha à boca o grito de socorro, nem as suas pernas tinham mais forças. A casa não possuía ovenarias, era toda feita artesanalmente por vidros e espelhos. A mesma foi construída por seu marido, um artista plástico muito conhecido no bairro por ter feito uma casa como aquela, casa que não combinava muito com a simplicidade das residências vizinhas e talvez sua aparência tenha sido a causa que chamou a atenção da ameaça presente. Linda casa, porém provida de uma beleza inútil que naquele instante não poderia protegê-la. O elemento perigoso aproveita-se das paredes de vidro que impediam a vítima de esconder-se. O ser ameaçador a via por mais longe que fosse o cômodo onde se encontrava. Fraca, lançou-se ao chão. De onde estava pôde ver o marido que chegara sem saber o que se passava. Não só ela o viu, mas o invasor que revelou um ameaçador objeto pontiagudo. O marido subia as escadas e de fora não se podia ver o que se passava por dentro. Inutilmente a jovem senhora tentava emitir gritos de socorro, ou avisar ao inocente marido que se aproximava da porta principal. Ela se encontrava na sala, a ameaça nos últimos degraus da escada que terminava no cômodo onde estava a jovem senhora, sala esta onde também o destino pôs a porta de entrada que estava sendo aberta pelo desatento marido. Era o fim, uma tragédia estava prestes a acontecer. O marido abriu a porta e o invasor já se encontrava na sala. O esposo ficou pálido ao ver a esposa ao chão, o rosto dela já estava machucado. Pôde ver mesmo da porta, o elemento encará-lo e rapidamente partir para o confronto.

O marido se esquivava dos golpes violentos e estava conseguindo cansar o inimigo quando a esposa, mesmo abatida, foi surpreendida com uma idéia maravilhosa: Agarrou um objeto pesado sobre o centro e o atirou contra o invasor. Obteve um sucesso inesperado, pois o objeto não acertou o alvo, mas foi de encontro a uma das paredes de vidro que se estilhaçou ao chão. O inimigo encontrou-se num labirinto de dúvidas: Ficar e terminar o que começara ou fugir e não precisar enfrentar o desfecho duvidoso? Escolheu fugir. Ao lançar-se pela porta improvisada pela jovem senhora foi surpreendido por uma eloqüente sapatada do marido. Caiu no canto da sala, ainda se debatendo de dor, morreu. O herói virou para a esposa assustada, levantou-a do chão e se assentaram no sofá, após acalmá-la disse-lhe: Já te falei várias vezes para pôr terra nos vasinhos de planta. Vamos ao médico antes que comecem os sintomas.

A aparição

Franco Chiariello

Os rústicos móveis construídos às honras dos herdeiros do pau-brasil constituíam de maneira aristocrática o meticuloso gabinete de despacho. Algumas poltronas estrategicamente distribuídas nas proximidades de algumas estantes temáticas, repletas de volumes que apontavam livros do séc. XIX até os dias atuais dificultavam a visibilidade dos tais preciosos e raros exemplares. Bom mineiro, claro, dividia o espaço dos grandes homens da história política brasileira com seletas fotografias de seus entes mais queridos, vivos ou falecidos. Chefes de Estado, parentes, personalidades, até um mordomo que cuidou de sua família nos áureos e infanto-juvenis tempos de Juiz de fora, cidade cujo nome remete diretamente a uma lei criada nos tempos da personalidade que instantes depois apareceria de modo inusitado neste mesmo gabinete.

Após terminar de ler o que estava lendo aquela noite, um volume datado do começo do século de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Itamar guardou o volume no canto esquerdo da sala, na parte da estante logo acima de um abajur, na sessão destinada à literatura brasileira. Apagou a luz do abajur, se dirigiu à porta para se retirar do habitual refúgio intelectual. Ao apagar as luzes e abrir a porta do gabinete, ia fechando a porta, quando uma luz no canto da sala denotava um resquício de luz no espaço. Itamar se virou, e o que vislumbrou na penumbra daquela noite gélida do Planalto Central seria de espantar qualquer um, obviamente. O feixe de luz irradiando do abajur deixava exposto um belo rosto europeu revestido com uma vasta, predominante e aristocrática barba, além dos belos olhos preocupados e um profético sorriso no canto da boca. Assim foi.

Itamar, de súbito, sentiu o batimento cardíaco exasperar. Acabara de ler *Memórias póstumas*, e a pessoa na sala era idêntica às fotografias de Machado de Assis. Quem sabe até do dito Brás Cubas, seria possível?

- Ou estou a delirar ou... Estou diante do senhor Machado de Assis? – disse Itamar. Nisso, o tradicional vento sudoeste, desta vez num vórtice fantástico, invadiu a sala, fazendo com que algumas folhas distribuídas em cima da mesa presidencial voassem. Alguns volumes de alguns livros saltaram à vista, saindo do ostracismo imposto pelas estantes. Um volume com reminiscências dos tempos imperiais voou em direção à escrivaninha presidencial. Neste mesmo instante, a luz do abajur se fez mais forte, e a imagem daquele senhor no canto da sala, com a mão esquerda repousada na

cabeceira da poltrona, se fez mais nítida, e por fim Pedro teve seu rosto mais uma vez iluminado. Ficou parado, como que esperando a intervenção do seu anfitrião, que neste momento já tinha seu topete levantado e a face denotando um quê de curiosidade com um misto de ignorância. Quem primeiro rompeu o gelo foi a visita, em vista da perplexidade do anfitrião.

- Caro e nobre Presidente, amigo de ofício e carreira, Excelentíssimo representante deste belo e vasto país que eu ajudei a construir.

Itamar Franco empalideceu. Deu dois passos adentrando o gabinete, mas de súbito parou diante das palavras proferidas, fazendo com que seu topete caísse-lhe na face. A visita prosseguiu:

- Senhor Itamar Franco, queira me desculpar por adentrar vosso espaço particular, onde Vs. Excelência costuma despachar e meditar acerca dos problemas de nosso bom e jovem país. Ainda mais desta maneira, com a roupagem de um fantasma. Não houve outro modo de me apresentar perante Vs. Excelência, pois já se vão mais de um século que não compartilho mais dos deleites e angústias do mundo humano. Tampouco quero alongar minha apresentação e os motivos que me trazem do além mundo para seu gabinete esta noite. Sou D. Pedro II.

Tendo sido desta forma o primeiro contato entre os dois (um “ex”, óbvio) chefes de Estado, a reação mais provável era que Itamar se sentisse mais a vontade, e dissesse algo para o nobre vulto aparecido em seu gabinete. Foi o que fez.

- Perdoe-me a petulância, excelent..., ou melhor, senhor D. Pedro II, mas na verdade não sei como dirigir a palavra para vossa... Excelência, por assim dizer. Sua, quer dizer, “vossa” aparição aqui, agora, é algo insólito... Como dizer? Surreal, entende? A verdade é que estou sem palavras. Que posso eu dizer ou, se bem entendi, fazer pelo senhor? È isso, não é? Há, penso eu, ou deve haver algum motivo mais do que especial para vossa aparição nesta noite, estou enganado?

D. Pedro II educadamente, como de hábito, pediu que Itamar Franco se sentasse num sofá em frente a ele. Que os dois se sentassem, na verdade. E assim o fizeram, com o abajur reluzindo atrás da vasta barba de D. Pedro, naquele ambiente pouco iluminado. D. Pedro fitou com seus olhos argutos os olhos de Itamar, e neste instante começou dizendo o porquê de sua aparição:

- O que me traz aqui é um problema muito simples, senhor presidente, e sua envergadura decorre de dois fatos, ou duas forças, que bem ou mal sempre caminharam de mãos dadas ao longo da história da humanidade: política e dinheiro. São, por assim

dizer, os dois determinantes de maior peso que temos registrado pela história do homem na Terra. Não sei se o senhor compactua com este meu pensamento, mas me parece a possibilidade mais razoável.

Itamar disse que “sim, muito provavelmente”. Imaginou que a aparição do sábio e bom monarca se devia a algum eventual conselho que este pudesse lhe dar: demitir tal ou qual ministro; pagar ou não a dívida externa; reintroduzir a monarquia como regime político-institucional no Brasil, ou algo similar. Nada disso seria discutido aquela noite, e os motivos de D. Pedro II teria parecido, à primeira vista, no mínimo curioso, se não excêntrico. Maluco mesmo. Pois não é todo dia que um monarca se dispõe a aparecer no mundo dos vivos para pedir o que pediu aquela noite para um Presidente da República.

- A problema político me refiro à democracia, Senhor Presidente. Parece-me óbvio que o senhor não deva ter ciência, pois a sua materialidade não o permite, pelo menos por ora. Mas no “Céu dos homens nobres”, o regime político-decisório é o democrático, quer dizer, o contrário do que seria de se esperar. Pois se é o lugar dedicado exclusivamente aos homens que fizeram grandes feitos, os melhores feitos quando vivos, o mais sensato e plausível seria ter como regime político o regime aristocrático. No máximo, uma monarquia constitucional, tal como em meu período como Imperador do Brasil. A vida, quer dizer, o “além-vida”, é realmente uma caixa de surpresas, não lhe parece?

Itamar permaneceu mudo, não conseguindo fazer as conexões adequadas para compreender as palavras proferidas pelo grande e iluminado monarca, que prosseguiu:

- Pois bem. Faz dois dias que chegou ao além-mundo um senhor de sobrenome Palhares, que trabalhou durante trinta anos na Casa da Moeda. Paralelamente, escrevia poemas, e era figura querida nos círculos de leituras do Rio. Creio que por este motivo adentrou o céu dos nobres homens. Faleceu de enfarto, segundo parece. Ocorre que este senhor nos informou que a partir de amanhã, quando a aurora despontar no horizonte, começará a circular uma nova moeda no Brasil, cujo nome me é familiar, por força das circunstâncias e de meu antigo ofício, obviamente. Mas o motivo de minha repentina vinda para cá não se deve a este pormenor. Ocorre que, do que ficou exposto pelo tal Palhares, os rostos de figuras ilustres de nossa história serão substituídos por figuras de espécimes da nossa riquíssima e vasta fauna. Animais que estão em extinção, pelo que me parece. Se eu estiver enganado, me corrija, por favor.

Itamar ficou completamente entretido com as palavras de D. Pedro, e ofereceu-lhe uma dose de uísque para que continuassem a conversa, mas este rejeitou

solenemente, alegando motivos físicos e metafísicos. Itamar se serviu de uma dose dupla, e sentou-se para continuar a ouvir sua inusitada visita:

- Imagine o senhor que este fato, por si só, gerou uma onda de indignação por parte de vários dos nossos grandes homens que habitam o além-mundo. Não só os que possuem motivos pessoais para sentirem-se traídos pela pátria, tais como Heitor Villa-Lobos, Cecília Meirelles, Vital Brasil. Até Rui Barbosa, meu antigo opositor, imagine! Outros também manifestaram indignação. Sérgio Buarque alegou que um país sem profundidade histórica está fadado ao fracasso; Clarice Lispector se solidarizou com os amigos escritores. Vinícius de Moraes, apesar de estar um pouco embriagado, saiu logo em defesa dos músicos e poetas, como Villa-Lobos e Drummond. Noel Rosa já compôs um samba ironizando a ousadia da atual gestão do Banco Central. E por aí afora. Foi um tamanho rebuliço que abalou as estruturas dos céus, e quando Castro Alves propôs uma votação com o intuito de eleger alguém para dialogar com a autoridade máxima da atual política brasileira, que no caso é o Sr, para ver se alguma atitude pudesse ser tomada, fui eleito por vasta maioria, e Deus nem ousou em vetar uma demanda real e legítima do povo, quer dizer, de nós, os nobres homens (perdão pelo “povo”, é a força do hábito, Vs. Excelência bem o sabe). Por isso e, tal como descrevi, estou aqui agora, em seu gabinete presidencial.

Itamar pensou bem, medindo as palavras que diria para o lustroso fantasma:

- Mas, senhor Imperador D. Pedro II, enviado pelos nobres homens de nossa história, poderia me dizer o que exatamente deseja e, claro, em que posso lhe servir? Seja lá o que for, farei tudo que estiver ao meu alcance para atendê-lo.

- Caro colega de ofício, o que desejam meus caros e nobres amigos é que o senhor... Melhor, vou ler a decisão tirada da assembléia geral, realizada ontem, em caráter de urgência:

“Foi decidido, em regime de urgência, estabelecer o nobre colega D. Pedro Segundo, último Imperador do Brasil, como nosso representante junto ao mundo dos vivos, para interceder em nosso nome quanto à seguinte questão: persuadir Excelentíssimo Presidente da República Federativa do Brasil, senhor Itamar Franco, para que impeça este crime lesa-história, ou seja, a mudança nas estampas das cédulas dos notórios homens e mulheres de nossa história por animais em extinção, ainda que guardamos sincero respeito pelas condições de sobrevivência dos tão estimados bichos. Que o nobre Amigo D. Pedro II tenha êxito nesta empresa, para o bem de todos os

brasileiros que já morreram, os que ainda vivem e os que estão por chegar ao mundo dos vivos”.

- É isto, senhor presidente. Esta é a explicação da minha repentina e fantasmagórica, por assim dizer, visita. Ou seja, queremos que o senhor interceda junto a todos os meios possíveis para que nossos célebres homens do passado não sejam substituídos por espécimes em extinção, ainda que consideremos as suas condições de sobrevivência caso dos mais pertinentes para o bem de nossa amada pátria, e para os próprios bichinhos, naturalmente.

Nosso presidente da república ficou constrangido. Sim, pensando bem, fora uma medida infundada aquela de trocar pessoas por bichos, ainda que simbolicamente. Isto sem dizer que nas novas notas não continham nenhum anúncio ou lembrete de que os tais bichos estivessem em extinção. Sentiu um misto de saudade e nostalgia do tempo em que, em questão de semanas, aparecia à baila uma nova nota com alguma figura célebre. Isto no tempo do Cruzado, do Cruzeiro e do Cruzeiro Novo. Cruzeiro Real também. E com o advento do Real, “o novo” seria solapado, dando primazia à estabilidade. Tudo bem, a nova moeda colocaria o Brasil num patamar mais elevado, num país seguro para investimentos estrangeiros, o que muito convinha para os tomadores de decisão do governo. Mas a substituição das imagens não era necessária. Pensou quais seriam as chances de impedir que houvesse a troca de moedas. Era impossível, concluiu. Pois além da pressão política por trás do Real (os tucanos, o núcleo duro do Banco Central, etc.), as notas já haviam sido trocadas pelos bancos do país, e em questão de horas os correntistas já estariam sacando as novas notas nos guichês e nas máquinas eletrônicas de cuspir notas. Seria a moeda que salvaria a economia do país, pois a fé das pessoas era forte o bastante para crer no REAL, o tão aguardado dinheiro novo. E quando todos acreditam numa abstração qualquer (tal como o dinheiro), ela pode muito bem se tornar verdade. “Paciência”, pensou Itamar: “o mundo é assim mesmo”.

- Caro D. Pedro Segundo, infelizmente creio que não há nada que esteja ao alcance de minhas mãos para inverter esta situação. Se o senhor tivesse aparecido a uns... Dois meses atrás, provavelmente esta situação talvez pudesse ser revertida. A verdade é que me sinto envergonhado neste momento, porque esta questão não me passou pela cabeça antes, esta questão do significado deste... Senso de profundidade histórica, etc. e tal. Apenas pensei, sendo sincero, que a nova moeda seria boa para a

economia do país. O resto, perdão pela sinceridade, não me passou pela cabeça, confesso. Minhas sinceras desculpas, D. Pedro. Não sei mais o que lhe dizer.

D. Pedro olhou seu colega de ex-ofício por uns cinco segundos, e sentiu uma leve tristeza invadir sua alma. Pensou que o país que tanto se esforçara para construir, estava agora negligenciando sua própria história, negligenciando aquilo que certa vez leu em Cícero ainda em sua juventude, ou seja, que devemos olhar para trás para construirmos o presente. Chegou à conclusão que não tinha nada mais para conversar com Itamar, que já estava tudo explicado. Só não sabia qual seria a reação de seus colegas de além-mundo, além-vida. Agradeceu, em baixo tom de voz, o tempo dispensado pelo seu anfitrião, e de súbito desapareceu, como num sonho.

Naquela noite Itamar não conseguiu dormir direito. Na manhã seguinte, apareceu na coletiva de imprensa onde celebraria, com o povo brasileiro, a circulação da nova moeda vigente. Estava com uma leve olheira, disfarçada apenas com a habitual maquiagem que os homens públicos usam quando aparecem ao espectador nas telas e jornais, exibidos pelo país afora. O topete, perfeitamente penteado. A nova moeda foi recebida com louvores por todos os setores e classes do país, e naquele dia ninguém pôde ouvir os protestos indignados dos cidadãos do além-mundo. Ganhou a moeda, perdeu a história.

Hotel Trombose

Felipe Valério

“Nunca vou me acostumar com esse cheiro”. O vestiário na madrugada sofria o descaso dos outros turnos e encontrava no encardido das paredes seu principal enjôo. O caminho hipnótico da nuvem fedorenta, resultado da química entre suores azedos, desodorantes sem marca e perfumes açucarados, entupia os pequenos vãos do seu nariz como óvulos de naftalina. Amassou a pele do rosto com a palma da mão, respirando as pontas dos dedos, e deixou que o jeans rasgado na barra tocasse o chão. Um pé de meia imundo equilibrava-se na boca da lixeira, sofrendo a força do vento sem ritmo. Nem todos merecem ocupar lugares de destaque. Muito menos alguém como Tomás.

Girou a torneira do chuveiro prevendo o primeiro jato gelado. Espremeu-se sobre o ralo, disfarçando a agonia ao pisar nos tufo de pêlos que entupiam os orifícios, e raspou o sabonete seco contra o peito. O vapor exagerado perdia a virgindade ao misturar-se à frieza do ambiente. “Quem tá aí?”, gritou com a voz grossa. Viciado em filmes de suspense, assistidos em madrugadas de insônia, gostava de testar o próprio descontrole. No fundo, sabia que a real existência de alguém naquele vestiário o faria transpirar desespero. “O que você quer?”, continuou em tom desafiador com uma risada espremida nos lábios. “Covarde!”, resmungou ao puxar a ponta da toalha desfiada.

Viscosas pegadas negras deformavam o chão branco, como se alguém houvesse sofrido o derretimento de algumas partes do corpo viscoso em temperatura escaldante. Lembrou dos diagramas das aulas de dança, organizados em imaginárias solas de sapatos, setas e tracejados, e buscou ritmo naquela sujeira. O silêncio foi o único a acompanhar sua tentativa de equilibrar-se sobre um dos bancos de madeira. Distraído, acabou escorregando, desatenção que o levou a amassar com as costas a porta de um dos armários. “Foi você, né?”, reclamou em voz baixa para o suspeito que não mostrava o rosto. Perda de tempo. Como bom cinéfilo de películas reprováveis ele sabia que vestiários femininos eram o alvo preferido dos maníacos que protagonizavam suas madrugadas de folga. Sorrateiro, acompanhado do angustiante tilintar musical, esperava que todo o corpo da vítima fosse filmado, silicones em close-up, olhos fechados, cabelos puxados para trás, efeito surpresa e SLASH! Completava o golpe fatal na garganta com qualquer objeto cortante. Variações eram permitidas: machados, facões, serras, lâminas, foices e fios de aço. Armas eram eticamente proibidas. Além de acelerarem o sofrimento, recurso inexistente em filmes do gênero, acabariam com a

essência do personagem transformando-o em qualquer marginal covarde das grandes metrópoles. Delinqüente comum. Bandido sem raiva. Zé ninguém.

A travessia do fio dental por suas gengivas exigia força extra. “Dois corpos não ocupam o mesmo espaço”, concluiu, imaginando uma agulha enfiada no corpo trêmulo de uma gelatina de limão. Duas tentativas depois, conseguia arrombar o vão que roçava suas pastilhas brancas. O gosto enjoativo do sangue desfilou na ponta da língua com rapidez espantosa. Um gosto que conhecia muito bem. Cuspiu com vontade todo o suco vermelho, como se os dentes proibissem o fluxo desesperado daquele líquido essencial, e virou-se para o armário. Antes que o redemoinho rubro fosse engolido pelo ralo, arremessou na garganta dois comprimidos atrasados, um rosa e outro amarelo. Triturou-os em pequenas mordidas e sentiu suas veias respirarem aliviadas. Marevan, seis miligramas, uma vez ao dia, tempo indeterminado.

Ainda no cabide azul de plástico, checkou as peças que montavam seu terno e conferiu a numeração e o nome manchado na etiqueta. Conhecia a má vontade da lavanderia do hotel e o incômodo hábito de misturarem a calça de um funcionário com a camisa de outro. Costumava ser alvo fácil da amálgama de tecidos justamente por trabalhar em um horário em que todas as camareiras estavam transando ou apanhando dos maridos. Algumas ele conhecia apenas pelo nome, outras foi obrigado a dividir mesas em treinamentos cansativos. “Essa empresa é tão boa pra mim”, diziam as escravas da governança com uma mordida ingênua nos beiços. “Que bom”, ele resmungava pra fazer uma média que nunca trouxe resultados reais. Confessava, inclusive, a dificuldade de reconhecer qualquer uma delas quando vestidas em insistentes roupas apertadas no fim do expediente. “Preguiçosas de merda, de trepação entendem”, reclamou ao confirmar que teria que usar a calça do recepcionista do turno da manhã. “Deus queira que hoje seja dia do marido encher a cara”, torceu raivoso enquanto substituía a gilete do barbeador. Conseguia ilustrar na mente sádica os Juvenais e Carlões da vida arrombando o trinco frágil das suas casas e fungando pinga em suas patroas. Unhas sujas fincadas nas coxas, rapidinhas sem conversa e sono incontrolável. Estava pronta a fórmula miséria-sacanagem. “Vai levar quantas, patrão? Por um real a mais vem com olho roxo, hein? O que? Sem queixa na polícia? Opa, doutor, isso tá incluso na fórmula!”.

Virou-se para o espelho embaçado, imaginando o rosto que encararia na evaporação de poucas gotas gordas. Sempre após o banho, sacudia a cabeça aleatoriamente e criava penteados imaginários, imitando medalhistas olímpicos quando

saíam das piscinas com os fios endurecidos pelo cloro. Com a ponta da toalha alisou o vapor no formato de um pequeno círculo, suficiente para emoldurar seu rosto. Entupiu as bochechas com creme de barbear, em quantidade exagerada para seus poucos pêlos, e começou a alternar movimentos suaves da lâmina. Nem sempre fazia a barba com destreza, as vezes nem mesmo fazia, mas aquela madrugada exigia que a pele refletisse uma infantilidade comovente. Passou poucas gotas de loção pós-barba, suficientes para queimar alguns minúsculos pontos de sangue no queixo, e apreciou o próprio perfume, borrifado em excesso ao redor do pescoço.

Ao fechar o zíper da calça que não era sua pensou em aparecer de surpresa na lavanderia qualquer dia desses. Apoiaria as mãos trêmulas sobre o balcão, humilharia a primeira camareira que o encarasse, gritaria a ausência de teor intelectual em função tão irrelevante, arremessaria as roupas com força contra o chão, mostraria a bunda de adolescente insolente e se apresentaria irônico: “repcionista noturno, prazer”. Gargalhou sozinho, antecipando o falso olhar puritano das mais idosas e continuou a se vestir. A camisa sofria a ausência do primeiro botão inferior, felizmente na parte que ficava escondida sob a cueca. Os sapatos, exigência do hotel para que fossem pretos, lustrados e comprados pelo próprio funcionário, já mostravam marcas definitivas devido ao uso excessivo. Os cadarços haviam sido trocados semanas antes, após dura repreensão do gerente de plantão. “Muito mais cômodo que controlem meus pés do que meus passos”, pensou ao lembrar do acontecido. Ainda faltava a gravata. Com invejável habilidade, segurou a ponta mais larga, movendo-a horizontalmente por cima, atravessou o anel formado pelo tecido e desceu entre o mesmo espaço e o laço horizontal, finalizando com o ajuste do comprimento e a tensão do nó. Costumava culpar o monarca Luís XIV enquanto ajustava os últimos detalhes. Sua atração incontrolável ao ver o uniforme dos soldados croatas pela primeira vez culminou no seu desespero vaidoso em popularizar o uso da gravata. “Grande babaca”.

As camadas de gel nos fios negros manteriam seu penteado até o final do turno. Talvez a umidade necessária no vento seco que condensaria as próximas horas. O reflexo que fugia da sua imagem completa o fazia lembrar dos engravatados dos programas jornalísticos e na naturalidade com que alternavam a tragédia de muitos com o sucesso de poucos. Encontrados treze corpos no sertão da Paraíba, suspeita-se que sejam vítimas da miséria árida que insiste em drenar os valentes trabalhadores do nosso país. Tristeza. Ainda no nordeste vamos ao vivo com nosso enviado especial no carnaval fora de época, repleto de festa, música e alegria. Vai daí! Sorriso. Greve dos

metrôs na capital paulista prejudica camadas populares. Tristeza. Seleção surpreende com time instável. Sorriso. Tristeza. Sorriso. Tristeza. Sorriso. Tristeza. Voltamos em dois minutos.

O ar angelical mostrava-se essencial para lidar com os desvios morais daquele submundo. O hotel operava de forma corriqueira durante o dia, check-in, check-out, obrigado, disponha, e cedia involuntariamente a estrutura de luxo para a sujeira que se formava na madrugada. Peças predestinadas determinavam o caos comportamental que abusaria daquele cenário alucinante. Os olhos concentrados, escondidos sob folhas de jornais, mantinham as retinas ansiosas. Cumprimentos frágeis de bom dia realçavam as falanges das mãos. Lenços ensopados alisavam carecas adiposas em cacoetes planejados. Ele era o centro volátil de um universo que não dorme, estacionado na loucura dos seus sonâmbulos e escancarado no enjôo dos perfumes franceses. “Quem não dorme, não sonha”, repetiu mentalmente ao trancar a porta de ferro do armário. Nos bolsos, poucos papéis e algumas pastilhas de menta. O exercício de respirar continuamente no corredor escuro que dava acesso à recepção reverberava nas paredes descascadas e o fazia pensar em tudo de caótico que poderia acontecer quando seu mundo cessasse as reservas. “Exercício de limpeza da mente”, batizou quando ainda era criança. O método era simples: inspirava fundo, como se fosse descolar as paredes opacas do pulmão. Depois, pensava em cada gesto irrelevante, desvio de caminho, medo, juramento, sim, não, adoro, detesto, mais cinco minutinhos, meu marido não pode saber, só mais uma fungada, gostoso, safada, devagar, fecha os olhos, atira, assim machuca, meu pescoço, tá doendo, pára, por favor, por favor! Pronto. Expirava tudo em um único e potente sopro.

Antes de cruzar a porta de ferro, o último elo entre sua consciência e o saguão florido, alisou o cartão de ponto no medidor eletrônico e completou o diafragma com um último golpe de ar fresco, autêntico, cru. Exercitou a pele das bochechas como um ator a segundos do espetáculo, desmontando o rosto duro marcado nos ossos. Praticou dois ou três sorrisos amigáveis. Girou a maçaneta da porta de acesso e caminhou concentrado.

Ainda sem saber o que fazer com os corpos.

Leão

Fábio Roberto Mariano

Parte I - O Sarcófago que Desce o Nilo

Pensou em abrir os olhos naquele momento, mas faltou-lhe a coragem. A ausência de cor, a escuridão provocada pela negação de um dos seus cinco sentidos, parecia uma imensa sala espelhada, não para o resto do mundo, pois esse parecia tão alegre e colorido que chegava até a ser fútil, brega e enjoativo, mas para si, para toda a sua melancolia e seu desespero. Nenhum cigarro, por mais elegante, caro, raro, exótico que fosse, conseguiria transformar aquelas lágrimas, que derrubava por motivos ignorados até mesmo por ele, em algo não tão importante. Sentia o produto de seu sofrimento e não lutaria para cessá-lo, simplesmente o deixaria escorrer até que tivesse ido embora. Ah, mas por que raios ele demorava tanto? Não sabia, mas talvez fosse a sua covardia naqueles vinte minutos que se passaram entre o primeiro lapso de vontade de fuga e o segundo atual. Contou um, dois, três. Não abriu. Quatro, cinco. Suspiro. Seis, sete, oito e, finalmente, nove. Por falta de coragem de encarar tanto sofrimento, fugiu. Abriu os olhos.

Olhou à sua volta, e o quarto voltara a ser aquela paisagem cinzenta e turva de outrora, a paisagem fundamental. A neblina e os prédios pintados por uma de suas amigas eram uma tentativa de fazê-lo sentir-se menos distante de sua Londres de neblinas finas. De fato aquilo o agradava, o fizera rir de felicidade num primeiro contato visual. Todos os seus pouquíssimos amigos sabiam que era fã assíduo de Mário de Andrade, e não à toa conferiram-lhe o apelido de Maco. Macunaíma era grande demais, e era necessário batizar a idolatria do garoto. Sua cidade, ah, tão linda sua cidade! Queria voltar para lá, ou virar estrela, para não poder ser visto naquele céu tão turvo. Mas não podia, e o perfume de limpeza da casa, que ele tanto odiava, começou a lembrá-lo de seus piores pesadelos vividos. Sabia que ao sair do quarto encontraria a obra-prima de sua tia, decoradora de interiores, uma casa cheia de cor, e vida, e tendências contemporâneas, e luxo. Luxo. Lixo. Sentir-se um lixo por ter tanto nas mãos e não conseguir ser feliz. Também sentiria saudades da época de felicidade, uma época que lhe fora roubada. Mas agora já não tinha medo. Não tinha resolução. Não tinha razão. Abriu a porta do quarto.

É desnecessário descrever a cor dos céus quando já foi dito que o dia está claro e ensolarado, portanto não me atarei à casa. No caminho até a porta não houve ninguém que o pudesse ver, que fosse ao menos refletido por suas lágrimas. Que fosse refletir sobre suas lágrimas. E ele continuou andando até a porta da casa. Ao pisar no capacho do outro lado, acendeu o seu penúltimo "turkish blend". Dezesseis fumantes anos já em processo de decomposição acelerada. E umas ruas maravilhosas, com padarias ao melhor estilo italiano, bistrôs franceses, mas nada além disso. Não havia a solidão, e nem o silêncio confortante da doceria armênia. Não havia a barulhenta loja dos chineses, e nem a tinturaria de seus odiados japoneses. Não havia bairros de cada povo, tão pouco se misturava, gerando uma pobre profusão, ou uma podre confusão. Sabia que ali estavam umas grandes parcelas da elite falida, dos pomposos de merda daquela cidade. Até a alegria incompleta daquele cenário era frustrante, e o Sol, aquele Sol maldito que cutucava sua palidez, o fazia pensar mais e mais no quão diferente ele era daquilo tudo. Pois não é que se dirigiu a um dos mais odiáveis apartamentos da burguesia já citada? A cada passo que dava encontrava mais resolução. E mais confusão. Seu dedo indicador, que junto com o médio(ambos da mão esquerda) conduzia o raro e saboroso cigarro, foi o responsável por apertar o botão do interfone e pedir para que ligassem na casa dela. Abriu o portão do prédio.

Sabia que ela estaria sozinha, mas a paciência se esgotou no hall de entrada do prédio quando terminou o cigarro. Restava apenas um, mas o guardaria. Em algum momento precisaria mais dele do que agora. Aquele prédio era tão alegre quanto sua casa, e isso parecia irritá-lo profundamente. Tudo naquela cidade era alegre e belo, pra disfarçar, segundo ele, a frustração de nunca ter chegado aos pés da Paulicéia Desvairada. A placa da câmera do elevador, ó céus cinzentos, até a maldita placa parecia ironizá-lo. "Sorria, você está sendo filmado". Gostaria de ser um bom ator, e de ter uma arma em mãos, para olhar como um psicopata para a câmera e disparar contra ela, e contra as paredes daquela estúpida máquina de subir e descer. Mas, infelizmente, isso não era possível, dado o estado deplorável ao qual chegara. Aproximava-se de uma pessoa deveras importante para sua vida, e talvez além dela, caso exista mesmo o "além dela". O elevador, traiçoeiro como uma cobra, não o permitia refletir sobre sua confusão. Nem mesmo o espelho da máquina estúpida serviu para isso, pois ele só olhava para a porta, esperando que se abrisse. Ao chegar ao seu destino, bateu seis vezes na porta. Abriu o caminho para algo novo.

Parte II - A Voracidade do Leão

Entrou sem pedir licença, dizendo que precisava falar. Ela, que já estava a caminho da porta, chamou-o de Maco. Disse que há tempos não se viam, e que sentia saudades. E então ele enumerou seus próprios defeitos. Fraqueza. Sentimentalismo. Benevolência demasiada. Tolice. Depressividade. Intolerância consigo. Falta de Sabedoria. Facilidade em se apaixonar. Ela não o entendeu, ou pelo menos fingiu não entender. Mas ele, que entendia perfeitamente a si e a ela, e que conhecia cada milímetro daquela casa, procurou o objeto de seu desejo naquele momento. Ela ficou imóvel, com uma tímida lágrima suplicando que a externassem. Mas foi ele, o desgraçado, quem socorreu à súplica daquele corpo líquido, daquele excreta. Maco tinha algo do pai de sua ex-namorada em mãos, e a fez sentir medo, num primeiro momento, e logo em seguida, um gosto metálico e frio. Então, contou o quanto a amara por dois meses, o quanto pediu aos céus que não lhe tirassem a única coisa de valor em sua vida. Qual não foi a sua surpresa quando ela, espontaneamente, acabou com sua alegria. A burrice, como ele chamou, de confiar que ele nunca entrasse na casa dela, que não a ouvisse dizendo ao telefone que havia de encerrar as brincadeiras de manipulação de seu títere, pois este já a mergulhara no tédio, levou-a à presente situação. Não sou capaz de descrever a atrocidade mental que foram essas palavras todas nele, e sua repetição nela. Não era títere, havia decidido. E aqui sou obrigado a parafraseá-lo: "Naquele dia enforcaste o que lhe prometeu a selva dos homens. Ei-me aqui, agora, casca já morta e condenada ao peso cruel da humilhação. Sarcófago que não contém, sequer, múmia de faraó algum. Mataste-me." E após isso, de olhos bem abertos, cometeu aquele que seria o ato mais impiedoso de sua vida. Abriu um furo na cabeça de quem amara.

Parte III - O Sabor da Carne da Zebra

Por conta dos filmes, Maco ouvira, muitas vezes, o som de uma pistola semi-automática disparada. Mas ali, naquele momento único, pode ouvir apenas a voz dela, como se todos os diálogos entre ele e a defunta coubessem naquela fração de segundo. Lembrava-se de como ela adorava que ele falasse da forma mais complicada possível, e de como ela definia a "civilização" capitalista, e de como ela pronunciava perfeitamente o alemão, e de como ela era graciosa ao recitar para ele poemas de autores europeus, e de como ela amava Rainer Maria Rilke e sua poesia complexa, e do quão melodioso era

o timbre da voz dela. Ela. Estirada no chão, com os negros e repicados cabelos que cobriam parcialmente os não menos escuros olhos, fios curtos que evidenciavam sua palidez quase européia. As roupas, aquela saia simples e vermelha, e os sapatos pretos, nada exagerado ou excêntrico. Uma blusa branca. Beleza Naturalidade. Harmonia. A grande parte das lembranças que agora ele obtinha ao observar o corpo causavam-lhe saudades. Fiara-se no velho ditado de que a vingança é um prato que se come quente e lograra-se. O turbilhão de sensações o impediu de permanecer olhando o cadáver, fazendo-o dirigir-se para fora do apartamento, não sem antes uma demonstração de afeto. Fechou para sempre os olhos da amada.

Obstinadamente, sem dar-se conta de que tinha ainda a arma do crime em mãos, desceu metade da escada. Guardou a arma na cintura. Desceu a outra metade da escada. Ao olhar para o mundo à sua volta, percebeu que já não era mais o mesmo. A alegria, agora, não era mais frustrada, e sim irônica e delatora. O caminhão de Coca-cola que cortou a frente do prédio e num piscar de olhos produziu inquietação, e ele olhou para o relógio. Correu. Portão. Abre. Fecha. Correu. Era assim que se livraria das acusações, correndo, se escondendo, abrindo portas e trancando-as após sua transposição. E, por uma pequena fração de segundo, pareceu saborear aquele momento, o momento histórico da vitória. Correu até a biblioteca do estado, entrou e pegou um livro. O registro 67815-H, da estante 11, autor Rainer Maria Rilke. Abriu-o e encontrou uma linda poesia, "Der Herbst". Tentou, em vão, sentir toda aquela beleza, que já não parecia pertencer ao mesmo mundo que ele. Mergulhou-se em um abismo de tristeza, melancolia e reflexão. Fechou o livro.

Depressivo, Maço (apelido cunhado por aquela, exatamente aquela cuja vida fora ceifada) andou devagar até lugar algum. Não tinha um rumo certo, apenas seguia seus ténis. Onde quer que fossem, á seria o lugar ideal para se torturar. Pois já não existia mais o universo infinito dos físicos, cheio de astros e planetas, tampouco os prótons, nêutrons e elétrons dos químicos, existia apenas o instante, o momento definitivo, e suas conseqüências, e seus detalhes, e seus sentimentos. Como num ímpeto egocêntrico, aquele frágil garoto reduzia um mundo de planetas, países, cidades, construções, tijolos e grãos de areia à sua precipitação. À sua atrocidade. Atrocidade. A palavra se imprimiu no seu maldito subconsciente e não se desgrudava, era como uma mancha de sangue num tecido branco. E tudo se resumia à vontade impetuosa de admirar uma das mais lindas obras de arte da outra pessoa que importava, ainda que sem

vida. Correu um pouco e alcançou o motorista de táxi, entrando no veículo. Fechou a porta.

Rápido, o motorista cortava caminhos a pedido de seu passageiro. Na verdade, apenas pegava uma rua um pouco mais curta, mas a potência de cada palavra e de cada pulsação do coração do garoto parecia ampliar todas as noções vigentes. Em cinco minutos, o garoto estava em casa, e surpreendentemente pareceu apreciar um lugar tão odiado antes. A profusão de cores, as combinações, os móveis desenhados especialmente para aquele espaço, tudo pareceu imaginativamente acolhedor. O fato de saber que a casa estava vazia era ainda mais estimulante, e inegavelmente aquele era o único pedaço daquela cidade miserável que tinha alguma chance de ser um oásis em meio ao inferno. Tomou fôlego e entrou em sua casa, não sem antes tirar alguns reais do bolso e dizer ao motorista do táxi que podia ficar com o troco. Infelizmente, o tão esperado oásis estava ali, mas não no primeiro cômodo, a sala, nem nas escadas, nem na garrafa de vinho tinto no bar, e nem no corredor de cima. Ao entrar no seu quarto, pacífico e aconchegante, encontrou um pequeno analgésico. Acendeu e tragou o seu último "turkish blend". Fechou a porta do quarto.

Entre as paredes de seu próprio oásis, imaginou-se na sua Londres de neblinas finas. Era a hora na qual ele tinha plena consciência de si mesmo, e entrou no momento em que definiria todos aqueles sentimentos, todo aquele inferno. Tudo foi perfeito, tão perfeito que ele pode descansar, sentar no canto do quarto e tirar a maldita arma da cintura. Tendo-a em mãos, ocorreram-lhe os poemas, a voz, os cabelos negros e curtos e repicados, a pele, a maciez do toque, o veludo dos lábios, a inteligência, a presença que tinha, tudo dela. Tudo nela. Não era só perfeitamente diabólica, mas diabolicamente perfeita. A habilidade artística expressa naquela neblina das paredes, naqueles arranha-céus, naquela reprodução da Paulicéia, era demais. Confusão. Ódio. Medo. Tremorosa Febre. Depressão. Em frações de segundo, transformou-se em horrível produto da solidão causada unicamente por si próprio. Não tê-la era diferente de não poder tê-la. Então, decidiu experimentar algo. Mas não só o sabor metálico do silenciador da arma, pois a ele combinava-se a podridão do sangue de quem amou. Julgado. Culpado. Sentenciado. Não teve tempo de revogar a sua decisão, mas a tomara com cem por cento de convicção. Trago. Baforada. Sangue. Abriu um furo na sua própria cabeça. Fechou os olhos covardes e azuis.

O Monstro do Lago

Regilene Alves Paiva

Fazia muito tempo que Dora estava sentada no pier vendo os pássaros sobrevoando a água, sabendo que o pier não era um lugar seguro. Porém, isso não era impedimento, mesmo sendo tão franzina a ponto de seus ossos quase que aparecerem em alguns pontos de seu corpo. Morena e pequena mas com um gênio capaz de assustar qualquer um que se atrevesse a aparecer por ali enquanto olhava os pássaros.

Foi quanto um “ploc” “ploc” junto a superfície do lago chamou a atenção de Dora. Com o coração aos pulos, levantou-se e observou as bolhinhas que se formavam na superfície. “Ploc” Ploc” e segundos depois houve um “ploc” tão alto que estremeceu o pier e Dora desapareceu.

Muito se dizia sobre o caso, mas a história em que incrivelmente todos acreditavam era de que um monstro comeria Dora. E como você bem sabe, quem conta um conto sempre acaba por acrescentar alguma coisa. Nesta história, isso não fora nem um pouco diferente.

Ninguém sabe bem ao certo como começou, pelo que consta, um mendigo que vivia perto do pier dissera que existia um bicho no lago. Daí, muito pouco tempo depois o bicho passou a ser um monstro esquisito. Com o passar do tempo, o monstro esquisito virou horrendo, verde, gigante, com pelos no nariz e enormes olhos esbugalhados. Passando mais um tempo ainda, o monstro horrendo, verde, gigante, com pelos no nariz e enormes olhos esbugalhados pulara da água de repente, mas muito de repente mesmo, abocanhara a menina que sentara no pier. Com o passar de mais um tempo, quando já estava virando um dinossauro, as pessoas pararam de frequentar o pier, depois disso nem no parque passavam.

Fizeram várias buscas e nada encontraram. Nem a menina e nem o tal monstro. Se existiu algum, dera no pé quando começou a confusão, deixando pra trás os pelos do nariz e os enormes olhos esbugalhados junto com a descrição maluca que criaram.

Fizeram de tudo, fotos da menina foram espalhadas nos quatro cantos da cidade, nas caixas de leite e até nas sacolas de supermercado, porém isso em nada surtira efeito.

Depois disso, a história fora um tanto esquecida, e quase não se falava mais da menina, do monstro horrendo, verde, gigante, com pelos no nariz e enormes olhos esbugalhados que pulara da água e sequeu do pier. E as pessoas voltaram a frequentar o parque.

O que ninguém sabia era que alguma coisa voltara para o fundo daquele lago depois de um certo tempo.

Foi quando uma menina muito franzina e pequena se sentou no pier e, ficou olhando os pássaros sobrevoando a superfície da água.

“ploc” “ploc”.